

Formação do professor de piano em grupo: uma pesquisa-ação à luz da autorregulação da aprendizagem

MODALIDADE: COMUNICAÇÃO

SUBÁREA: Educação Musical

Dayse Gomes Mendes

Universidade Federal da Paraíba(UFPB)

daysemusicpiano@gmail.com

Resumo. A autorregulação é um fenômeno multidimensional que envolve estratégias, gestão do tempo, comportamento e ambiente para o alcance de objetivos. O presente trabalho apresenta resultados parciais de pesquisa de doutorado pela UFPB, cujo tema reflete sobre a formação do professor de piano em grupo à luz da autorregulação da aprendizagem(ARA). O objetivo geral foi compreender como o processo em ARA pode dialogar com as práticas de formação instrumental do curso de licenciatura em música e quais as implicações de tal processo para a formação docente. O percurso metodológico teve como eixo, uma pesquisa-ação, cujos participantes foram sete estudantes da licenciatura em música da UFPE e a ação pedagógica ocorreu através de uma disciplina eletiva, cujos dados de campo coletados foram: questionários, entrevistas semiestruturadas, aulas online e presenciais. Os resultados preliminares foram divididos em 1) processos de Educação Musical dentre os quais destacamos princípios de gestão de sala de aula, desenvolvimento de estratégias apropriadas de ensino ao atuar como docentes na prática coletiva e, 2) processos autorregulatórios, analisados a partir da reciprocidade triádica, onde fator pessoal, comportamento e ambiente estão inter-relacionados (BANDURA, 1986), dentre os quais ressaltamos, ter perspectivas futuras sobre si mesmo ao elaborar objetivos de curto, médio e longo prazo, gestão do tempo e motivação para aprender em grupo ao realizar discussões e troca de feedbacks, autoavaliações e reflexões sobre o papel do professor autorregulado. As conclusões apontam que promover processo de autorregulação no contexto do ensino superior, foi um investimento no desenvolvimento pessoal, acadêmico e profissional.

Palavras-chave. Aprendizagem autorregulada, Formação do professor, Ensino de piano em grupo.

Group Piano Teacher Formation: an Action Research in the Light of Learning Self-Regulation

Abstract. Self-regulation is a multidimensional phenomenon that involves strategies, time management, behavior and environment to achieve goals. The present work presents partial results of a doctoral research, whose theme reflects on the formation of the piano teacher in a group in the light of the self-regulation of learning (ARA). The general objective was to understand how the ARA process can dialogue with the practices of instrumental training of the music degree course and what are the implications of such a process for teacher formation. The methodological course had as its axis, an action research, whose participants were seven students of the music degree from UFPE and the pedagogical action took place through an elective course, whose field data collected were: questionnaires, semi-structured interviews, online and face-to-face classes. Preliminary results were divided into 1) Music Education processes, among which we highlight classroom management principles, development of appropriate teaching

strategies when acting as teachers in collective practice and, 2) self-regulatory processes, analyzed from the triadic reciprocity, where personal factors, behavior and environment are interrelated (BANDURA, 1986), among which we emphasize, having future perspectives on oneself when elaborating short, medium and long term objectives, time management and motivation to learn in a group at the same time. hold discussions and exchange of feedback, self-assessments and reflections on the role of the self-regulated teacher. The conclusions point out that promoting a process of self-regulation in the context of higher education was an investment in personal, academic and professional development.

Keywords. Self-Regulated Learning, Teacher Formation, Group Piano Teaching.

Introdução

O tema formação em música tem sido abordado sob diversas perspectivas e diferentes pontos de vista no Brasil e no mundo, integrando campos de saberes distintos no intuito de compreender uma multiplicidade de contextos, espaços e perfis. Dentre essas temáticas, a pedagogia da performance tem ganhado profundidade nos debates tanto da educação musical quanto da performance, geralmente integrando esses dois campos. O presente trabalho, dá ênfase especificamente ao campo da formação de professores para o ensino do instrumento ou pedagogia da performance.

Compreendemos que os desafios para a obtenção da qualidade nos processos de ensino e aprendizagem oferecidos em nível superior é um foco de atenção necessário para a busca da melhoria dos cursos de graduação e pós-graduação em música no Brasil. Neste sentido, tem sido dedicada uma atenção crescente à questão do sucesso acadêmico. Por isso, acreditamos ser relevante refletir sobre como ocorre o processo de ensino e aprendizagem na ótica da autorregulação da aprendizagem, permitindo uma melhor compreensão sobre os processos e os aspectos que influenciam o rendimento acadêmico na formação de professores, possibilitando que melhores e mais eficazes intervenções sejam desenvolvidas e implementadas, de modo que no âmbito acadêmico se promova, de forma mais efetiva, situações de ensino e aprendizagem.

Promover a autorregulação da aprendizagem em universitários implica que o aluno seja mais autônomo, independente e, portanto, responsável por sua formação acadêmica. O estudante que apresenta comportamentos autorregulados da sua aprendizagem tende a exibir um bom desempenho acadêmico, maior confiança em lidar com questões relativas à formação superior, conhece mais estratégias de aprendizagem, estabelece metas, tende a estudar menos

de modo superficial, planeja, executa e avalia mais as atividades de estudo e aprendizagem (FREITAS-SALGADO, 2013).

Nesse contexto, propomos uma pesquisa sobre formação de professores para o ensino do piano em grupo, a luz da autorregulação da aprendizagem, utilizando uma pesquisa-ação que promoveu, entre outras coisas, o desenvolvimento de estratégias de aprendizagem e de ensino no contexto coletivo. O objetivo geral de nossa pesquisa foi compreender como o processo de autorregulação da aprendizagem pode dialogar com as práticas de formação instrumental do curso de licenciatura em música e quais as implicações de tal processo para a formação docente.

Este trabalho está fundamentado nas seguintes bases epistemológicas: Autorregulação da aprendizagem, Formação do professor e Ensino de Piano em Grupo. Por conseguinte apresentaremos como ocorreu o percurso metodológico e os resultados preliminares da pesquisa.

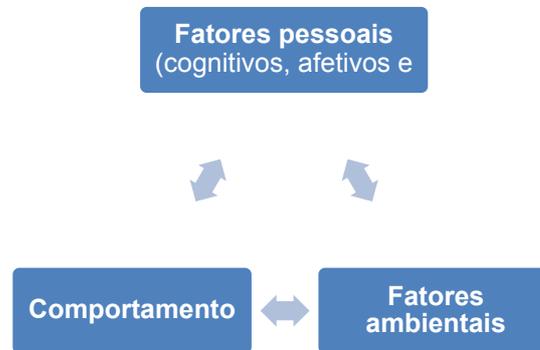
Autorregulação na perspectiva da Teoria Social Cognitiva (TSC)

Ao tratarmos do tema *autorregulação*, faz-se necessária uma apresentação da Teoria Social Cognitiva, do canadense Albert Bandura. A ótica sociocognitiva vê o indivíduo como *agente* de sua aprendizagem, como participante ativo, capaz de observar, refletir e adaptar suas condutas, ou seja, o ser humano é agente de sua própria vida. Nesta perspectiva, “o indivíduo tem possibilidade de intervir em seu ambiente, alterando-o e sendo alterado por ele, já que segundo a visão sociocognitiva, os indivíduos são produtos e produtores do ambiente social onde vivem” (AZZI, 2014, p. 29).

Esse agente da própria aprendizagem está inserido continuamente num contexto que envolve a inter-relação entre os três fatores, são eles: Fatores pessoais, fatores ambientais e comportamento. (BANDURA, 1986). Eles operam como determinantes interconectados uns dos outros e variam de indivíduo para indivíduo e sob diferentes circunstâncias. Segundo a figura abaixo, as setas apontam um movimento bidirecional, ou seja, há uma influência recíproca. Todavia, essa influência não é simultânea e nem equilibrada, podem ocorrer em momentos diferentes, por exemplo, os fatores ambientais podem exercer mais influência em contextos onde a educação é mais rígida, por outro lado o comportamento pode exercer maior

influência em contextos onde há mais liberdade de expressão. (BANDURA et al, 2008; AZZI et al, 2021).

Figura 1- Esquema da reciprocidade triádica

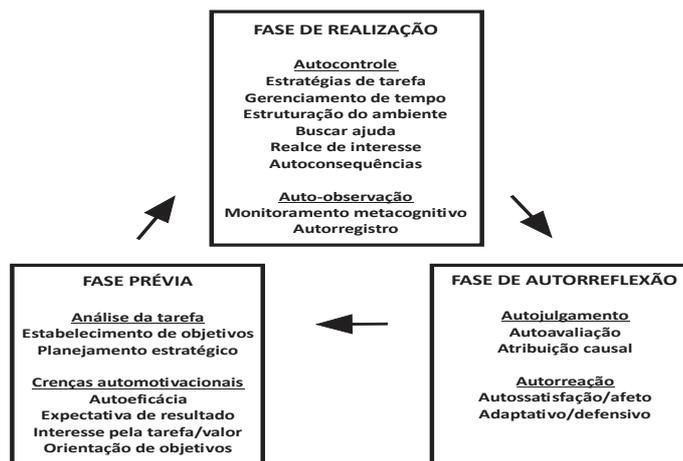


Fonte: Azzi et al (2021, p. 37)

Ao direcionar o conceito Autorregulação, para a aprendizagem (ARA), na qual é conhecida sob o termo *self-regulated learning (SRL)*, é possível observar que o tema recebe diferentes abordagens da Psicologia, mas envolve em sua base os fatores de planejamento, monitoramento e avaliação para seu desenvolvimento. Sendo assim, a autorregulação da aprendizagem é definida como “pensamentos, sentimentos e comportamentos conduzidos para atingir objetivos. O aprendizado é visto como uma atividade que os alunos realizam de modo proativo e guiado por metas e estratégias relacionadas a tarefa, definidas pessoalmente” (ZIMMERMAN, 2002, p.66).

Barry Zimmerman, desenvolveu o modelo cíclico de autorregulação da aprendizagem, que tem sido utilizado por muitos estudiosos (MENDES, POLYDORO, *no prelo*). É composto por três fases sequenciais: fase prévia, fase de realização e fase de autorreflexão. Essas fases atuam de modo cíclico e interdependente, pois a fase prévia influencia a fase de realização, a fase de realização afeta a fase de autorreflexão, e esta por sua vez, gera impacto na fase de um novo ciclo, proporcionando novas tentativas de aprendizagem (ZIMMERMAN, 2002).

Figura 2: Modelo cíclico das fases e subprocessos de autorregulação



Fonte: Zimmerman (2002, p.67)

A *fase de previa* refere-se a processos e crenças que ocorrem antes dos estudos e possui duas classes principais de processos: análise de tarefas e auto-motivação. De modo geral é o momento em que o aluno estabelece metas específicas para atingir objetivos, como por exemplo, mapear uma peça musical antes de estudá-la; a *fase de realização* são os processos que ocorrem durante os estudos. É constituída pelas seguintes classes principais: autocontrole e auto-observação. Entende-se como à implantação das estratégias específicas previamente selecionadas na fase anterior e ao constante monitoramento do progresso na aprendizagem; A *fase de autorreflexão* diz respeito aos processos que ocorrem após cada esforço de aprendizagem. É subdividida em autojulgamento e autorreação. Nesta fase, o estudante julga se as estratégias utilizadas foram eficientes para alcançar seus objetivos. Caso não, ajustes devem ser feitos para o início de um novo ciclo.

Ao refletirmos a ARA no cenário da Educação Musical, observamos esta, como um campo amplo, que dialoga com várias áreas do conhecimento das ciências humanas, dentre elas a pedagogia e psicologia. Essas áreas, ao oferecer nortes teóricos e metodologias próprias, possibilitam aos educadores musicais diferentes maneiras de compreender suas práticas que ocorrem em múltiplos espaços de atuação (DEL BEN, 2001).

Já que a Educação Musical divide seu objeto com outras áreas do conhecimento, ela dialoga com a psicologia da música a qual investiga o comportamento e a vivência musical, analisando semelhanças e diferenças observáveis de comportamento musical e quais as influências que o meio social produzem no indivíduo (KRAEMER, 2000). Ao dividir o tema *aprender* com a Autorregulação da aprendizagem, investiga como ocorrem os processos de

aprendizagem no contexto musical. Isso pode ser visto no estabelecimento de metas, na organização de repertório musical, no monitoramento e gestão do tempo. Podemos observar como ocorre o processo de acordo com a seguinte definição:

Um aprendiz de música autorregulado pode ser caracterizado como aquele que é capaz de planejar sua própria prática, escolher e modificar suas estratégias de aprendizagem que melhor se adequem às suas necessidades, a fim de alcançar o objetivo proposto; monitora e autorreflete sobre as atividades realizadas, mantendo um estado motivacional produtivo (MIKSZA, 2015; ARAÚJO, 2016).

Formação do professor de música autorregulado

De acordo com Boruchovitch (2014), os benefícios da autorregulação se adequam a licenciandos em formação inicial ou a professores em exercício:

A ampliação do conhecimento acerca da aprendizagem autorregulada entre aqueles que aspiram tornar-se professores poderá contribuir não só para que esses processos sejam mais fomentados por eles nos seus futuros alunos, mas também para o fortalecimento da sua própria aprendizagem durante a formação (BORUCHOVITCH, 2014, p. 402).

O aprender a ensinar envolve um aprendizado, e para isso é necessário criar espaços para o ensino, fomento e discussão de habilidades autorregulatórias nos cursos de formação inicial de professores, a fim de examinar e conhecer, em profundidade, como futuros docentes lidam com a própria aprendizagem e vivenciam o aprender a aprender. Para isso, é relevante pensar a formação dos professores numa dupla vertente: o professor como aquele que aprende e aquele que ensina (BORUCHOVITCH, 2014).

Visando contribuir com os avanços dos estudos que tratem desse tema, realizamos uma investigação sobre a formação de professores para o ensino do piano em grupo. Para isso foi necessário investigar como o licenciando, futuro professor de música desenvolveria conhecimento docente na perspectiva da autorregulação, considerando os saberes que ele já possuía. Concordamos com Tardif (2011) quando reflete que saberes docentes são decorrentes de uma realidade social, cuja materialização se dá por meio da formação, de programas, de práticas coletivas, de disciplinas escolares, de uma pedagogia institucionalizada, entre outros aspectos, entretanto, simultaneamente, são também os próprios saberes, os saberes do professor.

Porém, após uma vasta revisão de literatura em autorregulação da aprendizagem em contexto musical, constatamos que há uma escassez de pesquisas sobre formação de professores que promovam autorregulação da aprendizagem, isto porque docentes têm dificuldades em aplicar processos de autorregulação em seus estudantes (KRAMARSKI, 2017). Visando contribuir com os avanços dos estudos que tratem desse tema, realizamos uma investigação sobre a formação de professores para o ensino do piano em grupo.

Considerações sobre o ensino de piano em grupo

Escolhemos a área do piano em grupo, pois atuamos como professora por 20 anos nesta metodologia. Também devido aos resultados da pesquisa de mestrado e por conseguinte, ter conhecido a teoria da Autorregulação da aprendizagem. A seguir faremos algumas considerações.

No ensino superior, a modalidade de ‘Piano em Grupo’¹, tem o objetivo de desenvolver habilidades funcionais, o que é característico das disciplinas de graduação em instituições de ensino superior. No entanto, é possível também trabalhar com todas as faixas etárias. O ambiente físico vai desde um grupo de pessoas em um único piano, ou teclado, passando por um grupo de pessoas em alguns teclados, até um laboratório de pianos digitais com fones de ouvido (MACHADO, 2016, p. 13).

Compreendemos que um dos principais objetivos dessa metodologia é a socialização. “como atividade socializadora a aula de piano em grupo incentiva a interatividade entre colegas, a aprendizagem partilhada, a busca do êxito de todos, o interesse, a motivação e o prazer de tocar em grupo”. Todavia, é imprescindível que os docentes planejem suas aulas considerando a turma e a dinâmica do grupo a fim de fazer escolha de conteúdos diversificados que permitam a aprendizagem integral do instrumentista, ou seja, transite entre o repertório erudito e popular (SANTIAGO, 2021, p. 36; PIKE, 2017, p. 155; COUTO, 2013, p. 233)

Quanto ao sucesso da metodologia, Cruvinel (2005,2022) aconselha uso do ‘Estudo dirigido’, onde a aula é dividida em três partes: a revisão, momento em que o professor realiza a recapitulação da aula anterior; a informante, onde o estudante observa o novo conteúdo; e a

¹ “No Brasil, essa terminologia foi identificada nos anos 2000 em trabalhos de Maria de Lurdes Junqueira, Maria Inês Diniz, Diana Santiago e Maria Isabel Montandon (CRUVINEL, 2014)

aplicação, que é o treinamento do novo assunto. Tendo o domínio destas etapas, o professor pode conduzir a aula não de forma mecânica, mas observando atentamente a dinâmica da turma e pronto para auxiliar nas dificuldades e assim, prosseguir para uma nova etapa. Resumidamente, o professor revisa, modela (apresenta o conteúdo) e os alunos imitam, porque a atividade foi bem sequenciada e eles compreenderam a tarefa. Dessa forma terão êxito na etapa seguinte (CRUVINEL, 2005, p. 75; PIKE, 2017).

Percurso metodológico

Por se tratar de um estudo investigativo, cujo contexto foi a formação inicial de professores em música, a investigação assumiu um caráter qualitativo, da qual se presume o contato direto do pesquisador com os participantes e a situação investigada. Ela valoriza a subjetividade dos sujeitos e o nível interpretativo. A pesquisa qualitativa “propicia a construção de novas abordagens, revisão e criação de novos conceitos e categorias durante a investigação” (FREIRE, 2010; MINAYO, 2006, p.57).

Nosso campo de pesquisa foi a Universidade Federal de Pernambuco, especificamente no Curso de Licenciatura em Música. A fim de intervir no campo empírico de modo a contribuir com a pesquisa em Educação Musical, propus uma disciplina eletiva intitulada “Tópicos especiais em música: Estratégias para o ensino coletivo de teclado”. O pré-requisito para ingresso era apenas saber tocar teclado. Como não sou professora desta instituição, atuei como pesquisadora e tive a participação e apoio da professora titular da disciplina, Ana Carolina Couto. Participaram também sete estudantes, dentre eles, 2 pianistas, 1 saxofonista, 1 trombonista, 1 violinista, 1 clarinetista e 1 violonista, os participantes tinham a faixa etária entre 24 a 62 anos. A pesquisa foi submetida ao comitê de ética, portanto, todos os participantes assinaram o Termo de Compromisso Livre e Esclarecido (TCLE).

O Objetivo geral da pesquisa foi Compreender como o processo de autorregulação da aprendizagem pode dialogar com as práticas de formação instrumental do curso de licenciatura em música e quais as implicações de tal processo para a formação docente. Destacamos alguns dos objetivos específicos que foram: Conhecer os princípios norteadores, processos e estratégias da autorregulação da aprendizagem e suas implicações na área de música; Compreender o processo autorregulatório de aprendizagem no contexto de estudo da

prática coletiva de piano; Verificar o processo de autorregulação da aprendizagem utilizados por estudantes de música participantes da disciplina eletiva.

Procedimentos

Movida pelo objetivo de promover processos autorregulatórios, me propus realizar uma intervenção pedagógica que possibilitasse a efetiva participação de pesquisadora e grupo de participantes, a fim de se tornarem atores do próprio conhecimento, sendo assim, a estratégia metodológica foi uma pesquisa-ação educacional. Esta proposta dá ênfase à análise das diferentes formas de ação, cujos temas e problemas metodológicos voltam-se ao contexto da pesquisa com base empírica, ou seja, a descrição de situações concretas “para a intervenção ou a ação orientada em função da resolução de problemas efetivamente detectados nas coletividades consideradas”, além de ser “uma estratégia na qual professores e pesquisadores utilizam suas pesquisas para aprimorar o ensino-aprendizagem”. (THIOLLENT, 1994, p. 9; TRIPP, 2005, p. 445).

O desenvolvimento da investigação-ação ocorreu em quatro fases: 1) Pesquisa bibliográfica, 2) Preparação para ingresso no campo de pesquisa, 2) submissão ao comitê de ética, 4) Início da intervenção pedagógica. Os instrumentos para coleta de dados foram: questionários, entrevistas online semiestruturadas, aulas online e presenciais.

Resultados parciais da pesquisa

Segue abaixo uma breve explicação de como ocorreu o procedimentos dos instrumentos de dados. Todos os questionários foram aplicados através do formulário *Google* e tiveram duas funções distintas: 1) conhecimentos gerais sobre processos de autorregulação e 2) questionários/atividade, a saber:

- Questionário sobre estratégias autorregulatórias de aprendizagem- Teve por objetivo avaliar os conhecimentos dos alunos acerca das estratégias de aprendizagem.
- Questionário sobre estratégias autorregulatórias de aprendizagem no instrumento- Questionário adaptado do original (CAVALCANTI, 2009) para se adequar as especificidades da pesquisa. Semelhante ao questionário anterior, porém específico ao conhecimento no instrumento. Direcionado a todos os estudantes;

- Questionário sobre estratégias de ensino no instrumento- Questionário elaborado pela pesquisadora, voltado aqueles estudantes que porventura já sejam professores em escolas de música ou Ensino particular;

A segunda função dos questionários, os quais denominamos questionário/atividade foram aplicados após cada aula, afim de instigar a capacidade metacognitiva, após o estímulo em processos autorregulatórios dos estudantes. Estes questionários fizeram parte da 1ª avaliação processual. Ao todo foram aplicados dez questionários/atividade.

- Entrevista online semi-estruturada- Esse método seguiu um conjunto de questões previamente definidas, mas numa abordagem informal, em que os entrevistados discorreram sobre o que foi perguntado sem se prender somente às indagações feitas pela entrevistadora.
- Aulas online e presenciais- As aulas foram a fonte principal da coleta de dados. A disciplina organizou-se em 15 aulas, dentre elas 5 aulas online, 2 aulas assíncronas e 8 aulas presenciais.

Discussão dos resultados

As análises e os resultados consistiram na triangulação dos dados, os quais seguiram algumas etapas: 1) Descrição de todos os questionários, entrevistas e aulas; 2) Análise e categorizações de todos os instrumentos de dados à luz da Educação Musical e Autorregulação da aprendizagem; 3) Avaliação qualitativa dos resultados com base nos aportes teóricos e reflexões da pesquisadora.

O planejamento das aulas realizou-se com base nas fases do modelo cíclico sobre o desenvolvimento do processo autorregulatório que inclui Planejamento, Execução e Avaliação de Zimmerman (2002). Como modelo subjacente utilizamos o modelo PLEA de Rosário (2012). A semelhança entre os dois modelos é que eles têm fase de planejamento, execução e avaliação, de forma que tanto professores como estudantes se envolvem desde o início do processo. São cíclicos. Todas as fases possibilitam a constante reflexão e monitoramento, ficando claro o desenvolvimento do processo autorregulatório docente e discente.

A sala de aula possuía 13 pianos digitais, ar condicionado e um quadro branco com pauta. Todas as aulas foram gravadas em vídeo (virtuais) e em áudio (presenciais). Foi disponibilizado para os estudantes um material de apoio no Google DRIVE, contendo textos,

livros, Slide das aulas. As metodologias utilizadas para a disciplina foram: Apresentação do conteúdo através de exposição dialogada, leitura de textos e discussão em grupo, aulas práticas no instrumento, aula invertida, tarefas em grupo. Duas avaliações foram realizadas no período.

Os conteúdos das aulas foram para além da prática no instrumento, as quais foram:

- 1) Conceituando a autorregulação, que objetivos eu tenho pra universidade e pra minha vida?
- 2) Organização e Gestão dos estudos;
- 3) O ensino coletivo de instrumentos musicais;
- 4) Estratégias de amenização da ansiedade, estratégias de aprendizagem e de ensino;
- 5) Aprendizagem por acordes;
- 6) Abordagem por imitação, improvisação e tocar de ouvido;
- 7) Gestão de sala de aula.

Tivemos duas aulas assíncronas onde realizamos duas lives, uma sobre o ensino coletivo de instrumentos e outra sobre perspectivas decoloniais.

A estrutura das aulas ocorreu tomando por base o seguinte modelo:

- Objetivo do encontro
- Aquecimento/ambientação
- Atividade/discussão
- Plenária/sistematização- Após cada atividade, todos nós refletíamos sobre o assunto proposto para a aula e eu dava um fechamento à atividade trazendo sempre à tona uma reflexão sobre o processo autorregulatório realizado em sala.
- Proposta de aplicação- Após cada aula, eles respondiam um questionário/atividade e dávamos um feedback personalizado a cada um. A intenção era que os questionários fossem respondidos em sala, mas isso nem sempre acontecia.
- Encerramento

Os participantes da pesquisa tinham características distintas, porém bem interessantes, o que possibilitou uma riqueza nos resultados. Apenas dois participantes eram pianistas e tinham conhecimento tanto no erudito como no popular. Os outros eram estudantes de sopro sendo 1 clarinetista, 1 trombonista, 1 saxofonista, 1 violinista e 1 violonista. Nem todos foram até o final da disciplina, dentre os sete que iniciaram, apenas quatro concluíram a disciplina. Todos tinham experiência na docência antes de ingressar na Universidade. Os instrumentistas de sopro e o violinista aprenderam a tocar em banda escolar ou projeto social,

dentre eles, alguns também ensinaram no contexto coletivo de instrumento. Todos sabiam tocar teclado. A característica da turma foi de colaboração e compartilhamento de saberes entre os pares durante todo o processo, de forma que tanto pesquisadora, professora da disciplina e estudantes nos colocamos na condição de aprendizes e ensinantes.

Ao final da disciplina realizamos um questionário de avaliação da disciplina e quero dar voz ao que alguns deles disseram sobre a disciplina:

- Estudante 1: “Melhorou minha autorregulação a lidar com o TCC, a pensar prioridades e outros aspectos que estavam esquecidos de organização. Já tinha interesse pela parte criativa da aula e só aumentou!”
- Estudante 2: “Despertou em mim reflexões sobre minha prática docente, no sentido de tornar meus alunos independente nos estudos. Embora eu trabalhe com crianças, percebo que são poucas as aulas que incentivo a autorregulação.”
- Estudante 3: “Me fez entender melhor como alcançar objetivos nos estudos e organizar melhor minha vida no geral. Se você planeja, executa e avalia seus resultados e depois corrige os erros e maximiza os acertos, seus objetivos se tornam mais próximos de se tornarem concretos. ”

Por fim dispomos os resultados iniciais da pesquisa em uma tabela dividida em processos em educação musical e processos em autorregulação:

Tabela 1- Tabela dos resultados parciais da pesquisa

<i>Processos em Educação Musical</i>	<i>Processos em Autorregulação da aprendizagem</i>
--------------------------------------	--

<ul style="list-style-type: none"> • Capacidade de, ao tocar em grupo, refletir sobre essa prática; • Conhecimentos sobre Prática deliberada no contexto do ensino coletivo; • Prática colaborativa; • Compreensão sobre o contexto do ensino coletivo; • Relações entre o erudito e o popular; • Princípios de gestão de sala de aula; • Estratégias de amenização da ansiedade, de aprendizagem e de ensino; • Princípios metodológicos de como tocar de ouvido; abordagem por imitação e improvisação; • Princípios de criação de Arranjos didáticos; 	<ul style="list-style-type: none"> • Perspectivas futuras sobre si mesmo ao elaborar objetivos de curto e longo prazo; • Gestão do tempo • Estabelecimento de metas: estudos e prática didática • Habilidade metacognitiva • Estratégias apropriadas de ensino ao atuar como docentes, perspectiva do professor autorregulado; • Motivação para aprender em grupo ao realizar discussões e troca de feedbacks; • Autoavaliação • Autonomia
---	--

Fonte: autora

Considerações finais

A experiência que adquiri em todo o processo dessa pesquisa-ação permitiu-me refletir e transpor desafios sob vários aspectos, dentre eles: 1) Para realizar uma pesquisa que proponha uma intervenção em autorregulação da aprendizagem é necessário inicialmente aprofundar-se sobre o conceito; 2) Foi preciso superar desafios que ocorreram por causa da pandemia, os quais me paralisaram durante algum tempo e para isso...3) Precisei tornar-me autorregulada enquanto pesquisadora e educadora, num tríptico viés, a de pesquisadora, a de ensinante e aprendente. Na caminhada, aprendi muito mais do que ensinei; 4) Desenvolver uma pesquisa de intervenção pedagógica em autorregulação da aprendizagem musical é relevante e ao mesmo tempo desafiador.

Em nossa revisão de literatura constatamos que muitas pesquisas aplicadas em contexto acadêmico giram em torno de verificar estratégias autorregulatórias em estudantes que na maioria das vezes já possui características autorregulatórias. Nossa proposta foi além. Objetivamos, num contexto que foi único e dinâmico, criar um ambiente promotor de situações de aprendizagens, onde licenciandos, futuros professores, no contato com seus pares e

intervenção da pesquisadora, pudessem trocar experiências e desenvolver processos autorregulatórios a partir da disciplina eletiva “Tópico especiais em música- Estratégias didáticas para o ensino coletivo de teclado”.

Após utilizar e analisar brevemente os instrumentos de dados, foi possível constatar que houve sim o desenvolvimento de processos autorregulatórios dentro de um ambiente de ensino de piano em grupo. Dentre eles a reflexão dos estudantes em como aperfeiçoar sua didática e desenvolver estratégias para o ensino individual e coletivo de instrumentos.

O contexto do ensino de piano em grupo, propiciou um ambiente colaborativo, de respeito e de muitas aprendizagens, as quais investimos não apenas em atividades práticas, mas nas reflexões para além do contexto da sala de aula, como objetivos acadêmicos, gestão do tempo e organização da rotina semanal, dentre muitos outros resultados, que não podemos expressar neste breve relato.

Referências

ARAÚJO Marcos. Measuring self-regulated practice behaviours in highly skilled musicians. *Sempre: Psychology of Music*, v. 44, n.2, p. 278–292, 2016. Disponível em <https://journals.sagepub.com/doi/abs/10.1177/0305735614567554> Acesso em 05ago2021

AZZI, Roberta Gurgel. *Introdução à teoria social cognitiva*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2014.

____ [et al]. *Introdução à teoria social cognitiva*. Belo Horizonte: Artesã, 2021.

BANDURA, A. *Social foundations of thought and action: A social cognitive theory*. Englewood Cliffs, NJ: Prentice-Hall, 1986.

____, AZZI, Roberta Gurgel, POLYDORO, Soely. *Teoria Social Cognitiva: conceitos básicos*. Porto Alegre: Artmed, 2008.

BORUCHOVITCH, Evely. *Autorregulação da aprendizagem: contribuições da psicologia educacional para a formação de professores*. Revista Quadrimestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional, SP. Volume 18, Número 3, Setembro/Dezembro de 2014: 401-409. Disponível em <http://dx.doi.org/10.1590/2175-3539/2014/0183759>
Acesso em 03.jul.2019

CAVALCANTI, Célia Regina Pires. *Autorregulação e prática instrumental: um estudo sobre as crenças de auto-eficácia de músicos instrumentistas*. 157 f. Dissertação (Mestrado em Música). Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2009. Disponível em <https://>

acervodigital.ufpr.br/bitstream/handle/1884/19468/Dissertacao%20-%20Celia%20Regina%20Pires%20Cavalcanti.pdf?sequence=1&isAllowed=y Acesso em 23nov2019.

COUTO, A. C. N. do. O ensino de teclado em grupo na universidade e o uso do repertório popular: aprendizagem através de práticas híbridas. *Per Musi*, Belo Horizonte, n.28, 2013, p.231-238. Disponível em <https://www.scielo.br/j/pm/a/zH7qkkthHVMR4Z3y8T3fsrD/?format=pdf&lang=pt> Acesso em 01jul2022.

CRUVINEL, Flávia Maria. *Educação Musical e transformação social: uma experiência com o ensino coletivo de cordas*. Goiânia: Instituto Centro-Brasileiro de Cultura, 2005.

_____. Ensino coletivo de instrumento musical: organização e fortalecimento político dos educadores musicais que atuam a partir das metodologias de ensino e aprendizagem em grupo. In: VI Encontro Nacional de Ensino Coletivo de Instrumento Musical, 6, 2014, Salvador, BA. Anais...p. 12-20. Disponível em <http://www.enecim.emac.ufg.br> Acesso em 15nov2019.

_____. [Entrevista concedida à Dayse Mendes e Ana Carolina Couto] UFPE, Musicac UFPE, 1h18min. Disponível em <https://youtu.be/WA1kpVONBGE> Acesso em 01jul2022.

DEL BEN, Luciana. A delimitação da educação musical como área do conhecimento: contribuições de uma investigação junto a três professoras de música do ensino fundamental. *Em pauta*, Revista do programa de pós-graduação em música da UFRGS v.12, n. 18/19, p.65-93, 2001. Disponível em <https://seer.ufrgs.br/index.php/EmPauta/article/view/8537> Acesso em 19.mai.2022

FREITAS-SALGADO, Fernanda Andrade. *Autorregulação da aprendizagem: intervenção com alunos ingressantes do ensino superior*. 187 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2013.

FREIRE, Vanda Bellard, (org.). *Horizontes da pesquisa em música*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2010.

MACHADO, Simone. *A pesquisa do piano em grupo em instituição de ensino superior no Brasil*. Orfeo, Revista do programa de pós-graduação em música, UDESC, Santa Catarina, Ano 1, n. 1, p.133-155, Jan-Jun, 2016. Disponível em <https://www.revistas.udesc.br/index.php/orfeu/article/view/7358> acesso em 17mar2018.

MENDES, Dayse Christina Gomes, POLYDORO, Soely. Autorregulação da aprendizagem no contexto da música: uma revisão sistemática a partir da teoria social cognitiva
In: VASCONCELOS, Mônica Cajazeira Santana; OTUTUMI, Cristiane Hatsue Vidal (Orgs). *A autorregulação da Aprendizagem no meio musical: diálogos em pesquisas* (no prelo).

MINAYO, Maria Cecília de Souza. *O Desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. 9. ed. São Paulo: Hucitec, 2006.

MIKSZA Peter, TAN, Leonard. Predicting Collegiate Wind Players' Practice Efficiency, Flow, and Self-Efficacy for Self-Regulation: An Exploratory Study of Relationships Between Teachers' Instruction and Students' Practicing. *National Association for music education (NAME): Journal of Research in Music Education* v. 63, n. 2, p. 162–179, 2015. Disponível em <https://journals-sagepub-com.ez15.periodicos.capes.gov.br/doi/pdf/10.1177/0022429415583474> Acesso em 22jul2021.

ROSÁRIO, P, NÚÑEZ, José Carlos, PIENDA, Júlio González. Cartas do Gervásio ao seu Umbigo: Comprometer-se com o Estudar na Educação Superior. *São Paulo: Almedina Editores, 2016.*

SANTIAGO, Patrícia Furst. *Formação do professor de piano: ensino de piano em grupo para iniciantes*. 1.ed. Curitiba: Appris, 2021.

TARDIF, Maurice. *Saberes docentes e formação profissional*. 12ªed. Petropolis, RJ: Vozes, 2011.

THIOLLENT, Michel. *Metodologia da pesquisa-ação*. 4. ed. São Paulo: Cortez, 1994.

TRIPP, David. *Pesquisa-ação: uma introdução metodológica*. Educação e Pesquisa, São Paulo, v. 31, n. 3, p. 443-466, set./dez. 2005. Disponível em <https://www.scielo.br/j/ep/a/3DkbXnqBQyq5bV4TCL9NSH/?format=pdf&lang=pt> Acesso em 06.Abr.2018

KRAEMER, Rudolf-Dieter. Dimensões e funções do conhecimento pedagógico-musical. *Em pauta* [Trad. Jusamara Souza]. v.11, n.16/17, Abril / Novembro, 2000. Disponível em <https://seer.ufrgs.br/EmPauta/article/view/9378> Acesso em 01jul2022.

KRAMARSKI, Bracha. Teachers as agentes in Promoting students' SRL and Performance: Applications for teachers' Dual-Role Training program. In; GREENE, J.A; SCHUNK DALE. *Handbook of Self-regulation of learning and performance*. 2ed. Routledge. New York, p. 223-239, 2017.

ZIMMERMAN, B. J. Becoming a self-regulated learner: an overview. In: *Theory into practice*, v. 41, n. 2, p. 64-70, 2002. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/237065878_Becoming_a_Self-Regulated_Learner_An_Overview/stats. Acesso em 04 de julho de 2019.